

**CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA**  
**ARIEL DE BIGAULT: MARGENS ATLÂNTICAS**  
**22 de setembro de 2022**

**EDUARDO E FERNANDO / 1981**

*Um filme de Ariel de Bigault*

*Realização:* Ariel de Bigault / *Produção:* António Rocha / *Coprodução:* Ariel de Bigault/RTP, com subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian / *Imagem:* Manuel Costa e Silva, assistido por Amílcar Carrajola / *Som:* Pedro Silva / *Iluminação:* Joaquim Amaral / *Montagem:* Ariel de Bigault, Teresa Tainha / *Narração:* Joaquim Furtado / *Música:* Henri Texier, Michel Portal, Aldo Romano / *Participações:* alunos e professores da escola CERCI de Mirasintra, Lisboa / *Cópia:* DCP, a cores, falado em português / *Duração:* 46 minutos / *Inédito Comercialmente* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

**ESTÃO A VER-NOS? / 1982**

*Um filme de Ariel de Bigault*

*Realização:* Ariel de Bigault / *Montagem:* Ana Silva, Dominique Rolin / *Fotografia:* José Luís Carvalhosa, Manuel Costa e Silva, assistidos por Alexandre Gonçalves, Amílcar Carrajola / *Iluminação:* Constantino Guimarães, Joaquim Amaral / *Som:* Carlos Alberto Lopes, Paola Porru, Pedro Silva / *Misturas:* Dominique Jugie / *Assistência de Produção:* Antónia Seabra / *Participações:* Manuel, alunos e professores do colégio Helen Keller, Adelino Gomes, Henrique Garcia, Júlio Isidro, etc. / *Cópia:* Ficheiro, a cores, falado em português com legendas em francês / *Duração:* 60 minutos / *Inédito Comercialmente* / *Primeira e última passagem na Cinemateca:* 15.º Congresso da Rehabilitation International, junho de 1984.

Duração total da projeção: 106 minutos.

Com a presença de Ariel de Bigault.

\*\*\*

Penso ter sido François Truffaut quem escreveu que todos os filmes sobre a infância são filmes históricos ou de época. A verdade é que, nestes retratos ternurentos de crianças vivendo, para parafrasear Manuel, o protagonista de **Estão a Ver-nos?**, “a comunicação como forma de cultura”, o que ressalta é uma energia e uma frescura extraordinárias reveladas por uma realizadora, oriunda do teatro, e pela sua equipa experimentando – brincando como elas, as crianças – com a linguagem e tradição do cinema documental. Também sobressai, contrariando um pouco a ideia aforística de todos os filmes sobre a infância estarem datados por uma dada época, uma fortíssima mensagem sobre a intemporalidade (ou até a contemporaneidade) de *qualquer infância*, mesmo aquela que se vive sob a condição de uma deficiência de facto limitadora – mas, afinal, quem não se sente um pouco à parte do mundo sobretudo quando se encontra em processo de entrada na sociedade, tentando ao mesmo tempo ser-se “o eu que é um

outro” e dar expressão à sua “originalidade”? Ariel de Bigault conta em entrevista como abordou os mundos de dois rapazes trissômicos, em **Eduardo e Fernando**, e de um rapaz cego, em **Estão a Ver-nos?**, retratando-os não no sentido de gerar um discurso de compaixão ou vitimização, mais ou menos miserabilista, mas como crianças que, *por acaso*, têm um problema. Esclarece, então, da seguinte forma a postura que adotou face a este tema: “Não são filmes pedagógicos. É uma coisa patente em todos os meus filmes: as pessoas não são coitadas, são sempre heroínas. Ninguém se está a lamentar. Nos meus filmes ninguém se lamenta. No caso destas crianças, não precisamos de ter compaixão, elas estão a ensinar-nos coisas. Elas ensinam-nos uma maneira de ver o mundo.”

De facto, é isso que sentimos: a devolução de um olhar sobre o mundo, gesto absolutamente generoso tanto da parte da realizadora como dos miúdos. Acrescente-se: da realizadora e da equipa que trabalhou consigo, a Cinequipa, cooperativa composta por Fernando Matos Silva, João Matos Silva e José Nascimento, bem como Manuel Costa e Silva, figura pioneira de um certo *cinéma vérité* à portuguesa, no contexto imediatamente pré e pós-revolucionário – um diálogo mais ou menos invisível pode ser estabelecido entre estes dois documentários de Ariel de Bigault e a obra de Costa e Silva, realizada quando ainda era aluno do IDHEC, em Paris, intitulada **A Grande Roda** (1969), acerca das crianças do centro Helen Keller, a mesma escola onde Ariel filmou **Estão a Ver-nos?**. Confidenciou Ariel, em relação a Costa e Silva e José Luís Carvalhosa, seus diretores de fotografia, o seguinte: “Foi muito bom trabalhar com os dois. Eram duas pessoas com uma dedicação ao cinema documental. E uma noção de experimentação.” Ora bem, o que Manuel Costa e Silva fez então, num filme como **A Grande Roda**, Ariel aprofunda aqui, tornando-se parte do que filma, evitando ficar à distância para dar a partilhar o que vê com um espectador qualquer. Tanto Eduardo ou Fernando, na escola CERCI, como Manuel, no centro Helen Keller, são cúmplices de Ariel – quase apetece apelidá-los de corealizadores tal o modo como “escrevem o argumento” destes dois filmes.

Este efeito, de subtil imersão no mundo destas crianças, é o corolário de uma prática de total envolvimento com o tema, um método talvez sob influência de Costa e Silva, por sua vez sob influência de Jean Rouch (Costa e Silva estagiou na rodagem do emblemático **La pyramide humaine** [1961]). Na sequência de um convite para dar formação a professores de crianças portadoras de deficiência, Ariel decidiu conhecer essas crianças, passando muito tempo nas aulas e, acima de tudo, no recreio, observando e interagindo com elas: “Pouco a pouco fui escolhendo os meus atores. E criou-se uma relação fortíssima – com o Manuel, a criança cega, foi fortíssima.” Esta cumplicidade, que, de facto, *se sente* fortíssima, com Manuel, traduziu-se numa aprendizagem inestimável para a realizadora, que à época procurava sedimentar uma voz própria no meio do cinema. Foi muito importante por tudo aquilo que a experiência de rodagem lhe ofereceu e, não menos relevante, por todos os problemas de cinema por ela suscitados: “Como fazer um filme sobre uma criança cega? A relação era forte mas se ele não vê como é que vou olhar para ele? Foi muito perturbante para mim.”

Essa dita “perturbação” foi encarada como um desafio, ao qual Ariel de Bigault ainda hoje vai procurando dar novas respostas, documentando outras realidades pouco ou mal representadas, ou mesmo totalmente invisibilizadas, no espaço público e mediático, como a da comunidade africana a viver em Lisboa, em **Afro-Lisboa** (1997), ou o passado colonial no cinema português, em **Fantasma do Império** (2020). Em todos

estes documentários, parece que Manuel, a criança cega, marca presença, uma presença invisível, para reeditar o problema e gerar novos frutos: como tornar visível o invisível ou “o invisibilizado”? Como fazer um cinema não *sobre* mas *com*, moldado pela experiência de *ser com o outro*, num regime de total transparência de processos e, sem cartas na manga, assente num diálogo intenso entre quem vê e quem é visto, quem retrata e quem é retratado: “estão a vê-los? Sim, boa, agora é *senti-los*”, parece que é isso que se ensaia, filme após filme, na obra de Ariel. Manuel, criança de uma vivacidade contagiante, que encara a vida muito para lá da sua condição, sonhando ser radialista e aprendendo a jogar à bola, diz várias vezes que “vê” algo. E, no final, nós, espectadores, acreditamos que sim: Manuel, criança entre crianças, vê tudo e até mais do que seria de esperar para alguém da sua idade – é inevitável pensarmos num “clássico” da história do documentário como **Blind Kind** (1964) de Johan van der Keuken, filme que nos oferece, despida de qualquer floreado retórico, a (hiper)atividade esfuziante de uma criança que é cega mas que, acima disso, e superando a sua condição, se revela *um ser humano imbuído do desejo de autoexpressão*. É difícil não se ficar encantado por estes mundos, que se exprimem através de uma linguagem de afetos e de sonhos apenas estreitados pelos preconceitos dos outros, quase sempre os adultos.

Luís Mendonça